

**LITERATURA DE CORDEL E SEUS ENCANTOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
CURATORIAL DO MUSEU MUNICIPAL FRANCISCO COELHO**
**CORDEL LITERATURE AND ITS ENCHANTMENTS: A CURATORIAL EXPERIENCE REPORT FROM THE
FRANCISCO COELHO MUNICIPAL MUSEUM**

Gilvan Maciel Gomes¹
Izanne Carvalho Barbosa²
Wellington Mota Luz³
Lara Luz Coelho Vieira⁴
Emily Vitória Paiva da Silva⁵

RESUMO: O Museu Municipal Francisco Coelho desenvolve exposições temporárias com o objetivo de ampliar o acesso da comunidade marabaense à produção cultural e artística. Em 2025, no contexto das comemorações dos cinco anos do museu, foi inaugurada a exposição Literatura de cordel: poetas e versos que encantam, dedicada à valorização da literatura de cordel enquanto manifestação cultural e patrimônio imaterial. Este artigo tem como objetivo apresentar a experiência curatorial de concepção, montagem e mediação dessa exposição, compreendendo-a como prática museológica voltada ao diálogo social, à educação patrimonial e à valorização das culturas populares. A partir do relato de experiência, descrevem-se o processo colaborativo de curadoria, a seleção dos acervos, as escolhas expográficas e as ações de mediação cultural. A exposição reuniu cordéis de autores nordestinos e amazônicos, performances poéticas e recursos audiovisuais, promovendo uma experiência educativa e sensorial. Conclui-se que exposições temporárias dessa natureza fortalecem o papel social do museu, ampliam a visibilidade da literatura de cordel e contribuem para a valorização do patrimônio cultural imaterial no contexto amazônico.

PALAVRAS-CHAVE: Exposição de cordéis; Museu Municipal Francisco Coelho; Literatura de cordel

ABSTRACT: The Francisco Coelho Municipal Museum promotes temporary exhibitions aimed at expanding public access to cultural and artistic production in Marabá, Pará. In 2025, as part of the museum's five-year anniversary celebrations, the exhibition Cordel Literature: Poets and Verses that Enchant was inaugurated, highlighting cordel literature as a cultural expression and intangible heritage. This article presents the curatorial experience involved in the conception, assembly, and mediation of the exhibition, understood as a museological practice focused on social dialogue, heritage education, and the valorization of popular cultures. Based on an experience report, the study describes the collaborative curatorial process, collection selection, expographic choices, and cultural mediation actions. By bringing together cordel works by Northeastern and Amazonian authors, poetic performances, and audiovisual resources, the exhibition offered an educational and sensory experience. The study concludes that such temporary exhibitions reinforce the museum's social role and contribute to the appreciation of cordel literature and intangible cultural heritage in the Amazonian context.

KEYWORDS: Exhibition of cordel literature; Francisco Coelho Municipal Museum; Cordel literature.

1. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Bacharel em Direito pela Faculdade dos Carajás e graduado em História pela Unifesspa. Historiador do Museu Municipal Francisco Coelho (Marabá-PA) e docente do curso de Direito da Faculdade dos Carajás. E-mail: maciel.gil.gomes@gmail.com.

2. Licenciada em História pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (PPGHIST). Coordenadora de pesquisa do Museu Municipal Francisco Coelho (MMFC). E-mail: izannecarvalho123@gmail.com.

3. Licenciado em História pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (PPGHIST). Coordenador de projeto do Museu Municipal Francisco Coelho (MMFC). E-mail: mota.luz@fundacaocasadaculturamaraba.org

4. Mestre em História pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Diretora do Museu Municipal Francisco Coelho (MMFC). E-mail: lalaruzvieira@outlook.com.

5. Licenciada em História pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Coordenadora de comunicação do Museu Municipal Francisco Coelho (MMFC). E-mail: emilyvitoriapaiva16@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A literatura de cordel, surgida em Portugal e transplantada para o Brasil no período colonial, consolidou-se como uma das mais expressivas formas de poesia popular impressa, caracterizada por narrativas rimadas, linguagem acessível e forte vínculo com a oralidade. No Brasil, esse estilo literário encontrou no Nordeste, o seu espaço de maior difusão, especialmente entre os séculos XIX e XX. Nesse período os folhetos eram vendidos em feiras, praças e mercados, configurando-se como uma prática cultural que aliava entretenimento, crítica social e preservação da memória coletiva (Cabral, 2019).

[...] Diferentemente das formas de produção e circulação de livros populares da Europa do Antigo Regime (Bibliothèque Bleue etc.), às quais tradicionalmente seu viú associada, nossa literatura de cordel, apenas de maneira bastante residual, pode ser compreendida como uma adaptação, em bases simplificadas, de obras as mais heteróclitas, escritas em épocas e com finalidades variadas, por autores que, via de regra, não eram saídos dos estratos populares, nem os tinham no horizonte de potenciais leitores quando escreviam suas obras. Entre nós, diferentemente, esses folhetos têm sido não apenas massivamente consumidos por camadas populares, mas efetivamente, em sua maior parte, produzidos intelectual (autoria) e materialmente (folheteria) por poetas saídos desses mesmos estratos. Ademais, quando escrevem seus livrinhos, esses poetas têm em vista justamente esse público popular (Cabral, 2019).

Embora por muito tempo tenha sido considerada uma expressão periférica ou folclórica, a literatura de cordel passou por um processo gradual de reconhecimento institucional, impulsionado por pesquisas, circulação cultural e ações de preservação. As reivindicações da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) contribuíram para que, em 2018, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) a reconhecesse como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, reafirmando sua relevância cultural e artística.

A chegada da literatura de cordel à Amazônia está intrinsecamente relacionada ao processo migratório de nordestinos para a região, sobretudo

do durante o chamado “ciclo da borracha”, quando trabalhadores se deslocaram para essa região em busca de melhores condições de vida. Esses migrantes levaram consigo seus valores, crenças e práticas culturais, entre elas a tradição do cordel, que passou a ser recriado e reinterpretado no novo contexto amazônico (Carvalho, 2009). Assim, o cordel não apenas se estabeleceu como manifestação literária, mas tornou-se também um instrumento de leitura e interpretação social da realidade amazônica, possibilitando conhecer histórias e práticas culturais desses sujeitos invisibilizados e reinterpretando a região a partir de suas experiências cotidianas, memórias e formas populares de narrar o mundo.

Essa inserção do cordel na Amazônia ampliou as possibilidades de expressão popular na região, permitindo que temas como a biodiversidade, as lendas locais, a vida dos trabalhadores e as tensões sociais fossem registrados e divulgados em versos e estrofes, mas potentes. Além disso, os cordelistas nortistas não apenas reproduziram fórmulas anteriores, mas criaram outras possibilidades de narrar as experiências amazônicas, transformando o cordel em um espaço de memória e resistência cultural (Corrêa; Sousa; Gomes, 2017). Ao reinterpretar o imaginário amazônico, essa literatura consolidou-se como ferramenta de interação cultural entre o Nordeste e o Norte, reafirmando identidades e estabelecendo pontes entre diferentes práticas culturais (Barja; Lemes, 2019).

Em Marabá, cidade situada na porção sudeste do estado do Pará, a repercussão da literatura de cordel deu origem à uma série de folhetos líricos, cantados e rimados que passaram a retratar dilemas da realidade local. Nesse contexto, os cordéis foram utilizados como instrumentos de denúncia, celebração, informação, lamentação e marcadores de posicionamentos políticos. Temas como conflitos no campo, enchentes e meio ambiente já foram abordados por vários cordelistas marabaenses.

Todos esses materiais mencionados, revelam a riqueza e a variedade das produções desenvolvidas pela população de Marabá, cujas histórias

são contadas não apenas a partir de perspectivas externas. A cidade conserva uma dinâmica cultural que expressam suas próprias experiências, traduzidas por meio de textos, crônicas e poemas, como os de Ademir Braz, Frederico Morbach, Eliane Soares e outras. É nesse contexto de produções que as Literaturas de Cordéis se encontram, tendo como importantes expoentes locais os escritores Lusa Silva e Adão Almeida.

Diante dessas vastas produções, a Fundação Casa da Cultura de Marabá (FCCM), se preocupou em conservar um rico acervo histórico e cultural, dispondo de parte desses registros históricos, que hoje ajudam a contar um pouco da trajetória da cidade e de sua população. Dessa forma, os cordéis, bem como jornais e outras fontes documentais que faziam parte do cenário marabaense em anos anteriores, estão disponíveis no Arquivo Histórico Manoel Domingues (AHMD), situado na sede dessa Fundação em Marabá, com livre acesso para consulta pública.

Partindo da constatação de que a literatura de cordel participou do processo de expressão dos saberes, práticas e trajetórias populares em Marabá, é possível identificar esse como um traço que dialoga com a forte presença nordestina na cidade. Graças à migração maranhense como um forte fator formador de Marabá, as literaturas de cordel também ganharam força nesse território. O fenômeno das migrações foi amplamente discutido pela pesquisadora Idema Santiago (2006, p.37), que chamou esse movimento de “migração nordestina intergeracional”. As trocas culturais derivadas dessa dinâmica, influenciaram de forma significativa na construção de hábitos e costumes presentes na cidade até os dias de hoje.

No ano de 2025, a exposição denominada *Literatura de cordel: poetas e versos que encantam* foi idealizada pelo professor do curso de História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) Geovanni Gomes Cabral, que em sua pesquisa doutoral investigou história e trajetória do xilogravurista e cordelista pernambucano José Costa Leite, e executada pela equipe do Museu Mu-

nicipal Francisco Coelho (MMFC) com apoio logístico/financeiro da FCCM.

A exposição de caráter temporário foi inaugurada no dia 01 de agosto de 2025, em comemoração ao dia do poeta da literatura de cordel e celebrando os cinco anos de aniversário do MMFC. A mostra ocupou, de forma inédita, o espaço do auditório do museu, tradicionalmente destinado a outras atividades institucionais, marcando a primeira utilização desse ambiente para fins expositivos. A experiência de idealização, concepção e montagem foi realizada de maneira compartilhada, embora parte do projeto tenha se valido do acervo pessoal do pesquisador Geovanni Gomes Cabral.

Nesse contexto, destaca-se o papel do MMFC ao sediar exposições temporárias voltadas à valorização da literatura de cordel, reafirmando seu compromisso com a difusão de manifestações culturais populares. Ao promover esse tipo de mostra, o museu favorece não apenas a fruição estética, mas também o diálogo entre diferentes públicos. A reunião de acervos, performances e recursos visuais transforma o MMFC em um espaço de recriação simbólica, no qual poesia e versos reforçam a dimensão cultural desse patrimônio imaterial.

Entende-se que a atuação dos museus na sociedade contemporânea vai além da mera preservação de acervos; cada vez mais, eles são chamados a ocupar um espaço social ativo, assumindo responsabilidades na comunicação e difusão do patrimônio cultural. O MMFC enquadra-se nesse cenário como uma instituição que precisa dialogar com sua comunidade, fortalecendo a relação entre memória, identidade e cidadania, e assumindo seu compromisso com a sociedade na qual está inserido (Cury, 2005).

Nessa perspectiva, os museus constituem locais privilegiados para experiências significativas, pois oferecem ao público a possibilidade de vivenciar processos abertos de comunicação que estimulam múltiplas formas de interação – sentir, pensar, explorar e até tocar de modo singular.

No caso da exposição *Literatura de cordel: poetas e versos que encantam* há, ainda, o fator de

valorização histórica dessa literatura que configura atualmente um gênero alijado dos processos formais de educação, o que pode ser identificado pela falta de contato que as novas gerações marabaenses após virada do século XXI tem tido com essa expressão artística e cultural.

Essas manifestações artísticas constituem cena cultural recorrente na literatura “nortista”, no entanto, alguns pesquisadores e instituições acadêmicas ainda não dispõem de sensibilidade suficiente, para reconhecer os meandros e o belo nessas estéticas subalternorresistentes. Talvez seja nossa tarefa abrir passagens para outras alteridades, mesmo que para isso exista uma polissemia de ações (De Moura Possas; Dos Santos; Da Silva Sousa, 2016).

Tal distanciamento tem sido combatido por alguns professores de Marabá, como a professora Lusinete Silva, por exemplo, que se dedicam a ensinar a importância dos cordéis, desafiando as matrizes curriculares que excluem tais manifestações culturais. Assim, o MMFC, ao promover exposições temporárias como a dedicada à literatura de cordel, reforça sua função de espaço “vivo” de preservação cultural, aproximando o visitante do patrimônio imaterial e ampliando o alcance da educação patrimonial (Schall, 2003).

A relação entre museus e patrimônio cultural, material ou imaterial, deve ser compreendida como uma construção coletiva e dinâmica, que envolve trocas materiais e simbólicas e a definição de parâmetros e sistemas de valor. Nesse sentido, iniciativas como a exposição sobre o cordel no MMFC contribuem para consolidar o patrimônio cultural como um direito de cidadania e como um meio de reconhecimento e interação entre as identidades. Buscando, dessa forma, oferecer à comunidade marabaense a oportunidade de se conectar com suas múltiplas raízes, que incluem a presença da cultura nordestina na região amazônica (Froner, 2014).

Nesse contexto, o registro deste relato de experiência se justifica pela relevância de documentar a curadoria da exposição *Literatura de Cordel e Suas Histórias: Poetas e Versos que Encantam* no

contexto das comemorações do aniversário de cinco anos do MMFC. Relatar esse processo contribui não apenas para os estudos de museologia no contexto da Amazônia Paraense, ao refletir sobre práticas de curadoria em exposições temporárias, mas também para a educação e a cultura, ao destacar como a mediação museal pode aproximar o público de manifestações culturais diversas. Trata-se, portanto, de uma contribuição significativa para a valorização do patrimônio cultural e para a construção de práticas educativas que consolidam o museu como espaço de cidadania e memória coletiva.

PERCURSO METODOLÓGICO DA CURADORIA

O processo de concepção da exposição *Literatura de Cordel e Suas Histórias: Poetas e Versos que Encantam*, realizada no MMFC, envolveu uma equipe multidisciplinar formada por profissionais de diferentes áreas de atuação. A direção esteve a cargo da historiadora e mestre em História Lara Luz, Diretora do MMFC, acompanhada do coordenador de projetos Wellington Mota e do professor Geovanni Gomes Cabral, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), pesquisador especializado em literatura de cordel. Além delas, participaram a coordenadora de pesquisa Izanne Carvalho Barbosa, que também dirige o Núcleo de Estudos Históricos (NEHIST), o coordenador de museologia Gilvan Maciel Gomes e a coordenadora de comunicação Emily Vitória Paiva. Essa configuração possibilitou uma abordagem integradora entre pesquisa histórica, comunicação museal e curadoria artística, refletindo a complexidade de uma exposição cultural.

A ideia da mostra nasceu a partir de uma parceria entre o MMFC e o professor Geovanni Gomes Cabral, que colocou à disposição seu acervo pessoal, que inclui folhetos raros, entre eles obras de Costa Leite e exemplares de cordéis portugueses. Paralelamente, o Arquivo Histórico Manoel Domingues (AHMD), vinculado a FCCM, contribuiu com a seleção de cordéis produzidos por autores

locais. Assim, construiu-se uma base sólida de objetos que permitiram articular tanto aspectos da cultura nordestina quanto as criações amazônicas desse gênero literário.

A partir desse levantamento, foi possível construir a exposição com base nos dois acervos. Do AHMD foram selecionados dezoito folhetos produzidos entre as décadas de 1970 e 2000, com autoria de poetas como Milton José da Silva, Fontes Sobrinho, Rodolfo Coelho Cavalcante, Poeta Caveirinha, José Bemtivi da Paz, Juracy (O Poeta Paraense), entre outros nomes que retrataram o cotidiano, as crenças e as tensões da região. Os temas mais recorrentes registrados nesses folhetos envolvem enchentes, tragédias, a Guerrilha do Araguaia, a corrida do ouro em Serra Pelada, além de narrativas populares e críticas sociais que ajudam a compor um retrato do imaginário marabaense.

Já no acervo pessoal do professor Geovanni Cabral foram selecionados quarenta e seis títulos produzidos entre 1955 e 2012, abrangendo autores consagrados como José Costa Leite, Manoel Camilo dos Santos, José Francisco Borges, Leandro Gomes de Barros e Diniz Vitorino. Nesses folhetos, predominam narrativas sobre religiosidade, cangaço, moralidades, profecias e pelejas poéticas, com forte presença da oralidade e da crítica social. A reunião desses dois acervos possibilitou um diálogo entre o cordel clássico nordestino e suas recriações amazônicas, destacando como a literatura popular se ressignifica e permanece viva em diferentes contextos.

No âmbito da curadoria, cabe destacar que o conceito da exposição resultou de um diálogo entre as instituições parceiras e os curadores envolvidos. Como observa Chiarelli (1998), o curador é sempre o primeiro responsável pela definição do conceito de uma mostra, já que sua atuação pode ampliar ou restringir as leituras possíveis do público. Nesse sentido, a escolha de trabalhar com o cordel como patrimônio cultural imaterial e como elemento de identidade híbrida – nordestina e amazônica – foi central para a narrativa da exposição.

A seleção das obras considerou critérios de representatividade e diversidade. O professor Geovanni Cabral foi responsável por indicar cordéis raros de seu acervo pessoal, enquanto a equipe do AHMD, composta por Sergianne Rosa, Camila Caetano e George dos Anjos Ayres, selecionou títulos que expressassem a produção local. Essa diversidade permitiu mostrar ao público a amplitude da literatura de cordel, desde folhetos clássicos nordestinos até textos contemporâneos escritos em Marabá. Como lembra Vergara (1996), a curadoria educativa envolve escolhas que implicam ênfases e exclusões, configurando uma proposta que organiza as experiências estéticas do público.

A concepção visual da exposição ficou a cargo do historiador Wellington Mota, em parceria com o artista visual Giovanny Silva. Juntos, idealizaram a identidade gráfica da mostra e criaram soluções expográficas que uniam informação, ludicidade e impacto visual. Entre os elementos, destacou-se a pintura de uma xilogravura de Costa Leite na parede (Figura 1), realizada pelo artista visual Giovanny Silva, além da construção de uma árvore temática (Figura 2), composta de galhos secos pintados de preto e decorada com réplicas de cordéis digitalizados do acervo do AHMD. Conforme defende Vergara (1996), a exposição deve despertar a sensibilidade do olhar do público, de forma que os recursos lúdicos utilizados buscam reforçar a atmosfera poética e ampliar as possibilidades de leitura junto aos materiais expostos.

A árvore central da exposição (Figura 2) foi construída pelo Chefe de Divisão do Museu, Antônio Marcos, a partir da concepção dos curadores com reaproveitamento de madeira de mostras anteriores, com a adição de galhos secos provenientes de uma poda realizada no próprio jardim do museu. Além de reforçar o compromisso com a sustentabilidade e o uso consciente dos recursos públicos, os galhos secos faziam alusão simbólica à paisagem da caatinga, onde o vaqueiro nordestino vestia o gibão, peça de couro usada como armadura de proteção contra os espinhos dos galhos secos das árvores típicas do bioma.

Figura 1 – Pintura na parede em estilo de Xilogravura – Obra original do artista e cordelista José da Costa Leite, reproduzida pelo artista visual Giovanni Silva.



Fonte: Acervo pessoal do MMFC .

Figura 2 – Árvore temática com réplicas de cordéis coloridos de livre acesso para o público visitante.



Fonte: Acervo pessoal do MMFC.

Hoje, o gibão é também utilizado como uniforme por alguns cordelistas, se tornando um símbolo de orgulho e pertencimento entre os poetas que utilizam. Sobre os galhos foram penduradas cópias digitalizadas dos cordéis pertencentes aos dois acervos utilizados, criando um espaço de in-

teração que permitia ao público o manuseio das réplicas, enquanto os exemplares originais permaneciam protegidos nos expositores de vidro. Essa relação entre o toque e o intocável traduz o próprio papel do museu como guardião e mediador da memória, a ideia desse artifício era preservar sem dis-

tanciar, proteger, mas sem impedir o encontro do público com o acervo e a poesia.

Os recursos expositivos abrangeram não apenas os cordéis em si, mas também textos explicativos, painéis gráficos e materiais complementares. Como aponta Conduru (2008), em uma exposição todos os elementos compõem o discurso curatorial – desde os objetos até o mobiliário, os textos, a segurança e os agentes envolvidos. Nesse caso, a ambientação e a cenografia reforçaram a ideia de um espaço interativo e de construção coletiva da memória cultural.

A equipe também produziu um documentário para integrar a exposição, com depoimentos dos cordelistas Lusinete Alves da Silva (Lusa Silva) e Adão Almeida, ambos membros da Academia Paraense de Literatura de Cordel (De Moura Posas; Dos Santos; Da Silva Sousa, 2016). Participou ainda das entrevistas como entrevistado o Prof. Dr. Geovanni Cabral. As gravações ocorreram em três etapas e foram dirigidas por Wellington Mota, com produção audiovisual do membro da equipe de comunicação da FCCM Ismael Coelho. Esse recurso audiovisual ampliou a mediação cultural, oferecendo ao visitante a possibilidade de ouvir diretamente os sujeitos envolvidos na produção, difusão e reflexão sobre a literatura de cordel, aproximando o público das experiências, memórias e trajetórias que atravessam essa manifestação cultural.

O documentário foi gravado no interior do AHMD (Figura 3A), concebido como um elemento permanente da exposição, uma presença contínua que atravessa o espaço sempre acompanhando o visitante. Pensado sem início e fim definidos, o vídeo permite ser assistido integralmente ou apenas em fragmentos, conectando histórias que giram em torno dessa literatura e seu processo de escrita.

As falas de seus participantes se entrelaçam em camadas que formam um percurso: o professor Geovanni Cabral apresentou o contexto histórico e

a trajetória do cordel como registro da memória popular; Adão Almeida compartilhou sua experiência como autor e cordelista atuante na região, transformando o olhar do cotidiano em poesia; e Lusa Silva refletiu sobre seus projetos em escolas, onde resiste para que o cordel seja perpetuado como instrumento de aprendizado e pertencimento.

A construção desse documentário, a partir dessas múltiplas perspectivas no processo curatorial, foi pensada pela equipe de historiadores que compõe o MMFC em 2025 como uma busca de aproximação e reconhecimento dessas práticas culturais como uma possibilidade de abertura e explanação do compromisso desse corpo técnico do MMFC, de torná-lo um espaço de representatividade. Assim, no documentário todos falam sobre perspectivas plurais, mas de um mesmo lugar, o do afeto, da memória e da experiência, transformando o documentário em uma obra coletiva. Dessa forma, o documentário que foi exibido na exposição, assim como toda a mostra, buscou criar uma experiência contínua de escuta e presença, que se estendeu até a inauguração.

A inauguração da exposição aberta ao público foi pensada como um evento cultural de celebração, envolvendo performances, *peleja*⁶ de versos de cordel, contato e interatividade (uma vez que foi possível ao público tocar e folhear as cópias de cordéis penduradas na árvore central da exposição). Entre as atividades, destacaram-se as declamações em formato de pelejas entre os cordelistas convidados, além da ambientação musical com repertório nordestino e a oferta de bebidas temáticas como *mocktails*, preparados com ingredientes como caldo de cana e rapadura. Essas ações tiveram como objetivo criar um ambiente de imersão sensorial e festiva, reforçando o caráter lúdico e comunitário da proposta.

6. *Peleja* é uma forma tradicional de confronto poético oral ou escrito entre dois ou mais poetas, caracterizada pela alternância de versos, pelo improviso e pela simulação de embate simbólico, em que os participantes buscam demonstrar engenho, domínio técnico e criatividade. No contexto da literatura de cordel e da cantoria popular, a *peleja* implica não apenas a ideia de competição, mas também de performance, diálogo e interação com o público (Saraiva, 2022).

Figura 3 – Compilado de imagens dos momentos de curadoria e produção da exposição



Fonte – Acervo pessoal do MMFC.

Figura 3A – Gravação do documentário produzido para a exposição com os integrantes do processo Wellington Mota, Ismael Coelho e Lusa Silva. **Figura 3B** – Curadoria do conceito expositivo e seleção dos cordéis com a diretora Lara Luz e o Professor Dr. Giovanni Cabral. **Figura 3C** – Alguns cordéis do acervo próprio do Arquivo Histórico Manoel Domingues. **Figura 3D** – Documentário exibido na exposição montada.

É importante ressaltar que a preparação da exposição envolveu todos os setores do MMFC, desde a direção até os estagiários, refletindo a natureza colaborativa da museologia contemporânea, bem como as práticas adotadas no MMFC. Esse trabalho coletivo reafirma que uma exposição

não se limita à exibição de objetos, mas constitui um projeto integrado de pesquisa, expografia, comunicação, interação e mediação cultural, no qual cada agente desempenha papel fundamental.

Todavia, a curadoria reconheceu formalmente como responsáveis pela mostra os profis-

sionais anteriormente mencionados, reafirmando o caráter coletivo e institucional do projeto. Essa composição institucional e coletiva reflete a pluralidade de olhares que fundamentaram a exposição e garantiram sua riqueza interpretativa, reforçando a ideia de que o museu deve ser um espaço de múltiplas vozes e de diálogo entre tradição e contemporaneidade.

CONCEPÇÃO EXPOGRÁFICA E MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO

A montagem da exposição envolveu um processo artesanal e coletivo que transformou a sala do MMFC em um espaço lúdico e imersivo. O artista visual Giovanni Silva, que atua em função de estagiário no MMFC, pintou diretamente na parede uma xilogravura de Costa Leite, referência da tradição cordelista, criando à exposição uma atmosfera visual que remeteu à materialidade dos folhetos. No centro da sala, a equipe construiu uma árvore desconstruída feita de galhos secos pintados de preto. Sobre seus ramos foram pendurados cordéis reproduzidos a partir de cópias do acervo do AHMD, visto que o acesso aos originais deve ser reduzido para fins de preservação documental. Vale pontuar, que houve no processo de construção da exposição a participação ativa dos estagiários do Museu, que recortaram e montaram as réplicas de livretos e atuaram na mediação dos visitantes à sala da exposição nos meses que a exposição ficou disponível ao público, o que reforça a dimensão coletiva e colaborativa do projeto.

Além dos elementos visuais, a curadoria incluiu a produção textual como parte essencial da exposição. O professor Geovanni Cabral elaborou os textos curatoriais, estabelecendo a narrativa que guiava o visitante na compreensão da importância histórica e cultural da literatura de cordel. Essa dimensão da escrita curatorial reflete a compreensão de que todos os elementos de uma exposição – objetos, textos, imagens e cenografia – constituem partes integradas de um mesmo discurso museográfico (Conduru, 2008).

Outro aspecto relevante foi a produção dos convites e da identidade visual da exposição, coordenada pela equipe de comunicação do museu em conjunto com os curadores. O material gráfico, inspirado na estética das xilogravuras, reforçava o vínculo com a cultura do cordel, ao mesmo tempo em que se apresentava como um recurso contemporâneo de divulgação cultural. Essa escolha evidencia como a curadoria abrange não apenas a seleção de objetos, mas também a mediação simbólica que conecta a instituição ao público por meio da comunicação visual.

A ambientação da exposição buscou estimular experiências interativas e afetivas no público visitante. O espaço foi concebido de modo a possibilitar que cada indivíduo se relacionasse com os cordéis de maneira singular; seja pela leitura, pela contemplação das xilogravuras, ou pela experiência estética da instalação da árvore. Como apontam Cabral e Rangel (2008), o contato com o bem cultural oferece ao visitante a oportunidade de construir significados relevantes, de acordo com suas próprias referências e vivências. Essa perspectiva norteou o desenho expográfico, que privilegiou a autonomia interpretativa do público.

A relação com a comunidade local também foi cuidadosamente pensada. A presença de cordéis de autores marabaenses no acervo exposto reforçou o sentimento de pertencimento, ao reconhecer a produção cultural da cidade como parte integrante de uma tradição maior. Além disso, a participação de cordelistas locais nas atividades paralelas, como declamações e pejeas, consolidou a dimensão interativa da mostra, estabelecendo uma ponte entre a tradição nordestina e a vivência amazônica. Assim, o museu se estabelece como espaço de posicionamento a favor da resistência de artistas cordelistas marabaenses em preservar e fomentar as práticas de escrita e oralidade de cordéis na cidade, e também como espaço de celebração de identidades múltiplas, em consonância com a realidade cultural da região (Cocotle, 2019).

Do ponto de vista conceitual, a curadoria foi entendida como um campo em constante transfor-

mação, capaz de articular diferentes tempos históricos e múltiplos campos de conhecimento. Nesse sentido, como observa Maria Cristina Oliveira Bruno (2008), o termo curadoria é atravessado por usos diversos, desde o enquadramento e tratamento até a extroversão da herança patrimonial. No caso do MMFC, a exposição representou justamente essa dimensão: enquadrar e tratar um acervo de cordéis para, em seguida, extroverter essa herança por meio de uma experiência lúdica e acessível ao público.

Ao unir poesias, versos e inovação, a exposição reafirmou o papel da curadoria como mediadora cultural e educativa. A escolha de obras raras de Costa Leite ao lado da produção contemporânea de cordelistas locais permitiu valorizar tanto o legado nordestino e sua produção cordeliana, bem como outros registros poéticos que são frutos da região. O MMFC, ao assumir essa abordagem, não apenas preservou, mas também deu novos sentidos a um patrimônio cultural, reforçando sua função de espaço de experimentação, memória e cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências decorrentes do processo de idealização e curadoria de uma exposição realizada no MMFC, ilustram um contexto de ampliação do diálogo entre museu e comunidade marabaense. Essa aproximação reflete o esforço da instituição em consolidar-se como espaço vivo, plural e dinâmico, que acolhe e incentiva os mais variados grupos sociais a ocuparem esse espaço museal por meio de seus saberes e práticas culturais.

A literatura de cordel, compreendida como expressão da cultura popular existente em Marabá, se apresenta como um campo fértil no esforço de promover maior interação. Ao abrir espaço em exposições de natureza poética e artística de cordelistas locais e também de fora, o museu reconhece e valoriza essa manifestação, bem como fortalece o sentimento de pertencimento dos sujeitos envolvidos, afirmando o papel do museu de Marabá como agente de ação, escuta ativa e memória coletiva.

O diálogo entre a poesia, oralidade e os elementos simbólicos que marcam o imaginário marabaense foi contemplado nessa mostra, que presta homenagem a personagens fundamentais na difusão e preservação do cordel enquanto gênero narrativo enraizado nas manifestações culturais nordestinas e amazônicas. Dessa forma, o processo de concepção e execução curatorial, marcado por um caráter cuidadoso e coletivo, contribuiu para a ampliação e a diversificação dos olhares sobre o fenômeno do cordel, situando-o tanto no contexto nacional, quanto em sua dimensão local.

Ao lançar luz sobre as raízes nordestinas que integram a formação histórica e cultural da cidade de Marabá, a exposição *Literatura de cordel: Poetas e versos que encantam* fez parte de um marco significativo. Além de ser a primeira mostra dedicada ao tema no MMFC, destacou-se pelo alcance educativo, ao promover a valorização de saberes e práticas muitas vezes postos sem muita visibilidade. A exposição, ainda que temporária, cumpriu um papel essencial de promoção do conhecimento histórico e cultural, estimulou a reflexão sobre a diversidade social marabaense, o apelo sobre a necessidade de reconhecer a importância da literatura de cordel na história da cidade, e o papel dos museus na democratização da memória e da cultura.

REFERÊNCIAS

BARJA, Paulo Roxo; LEMES, Cláudia Regina. **Um cordel pela Amazônia**. São José dos Campos: s.n., 2019.

CABRAL, Geovanni Gomes. **Histórias e práticas culturais do poeta José Costa Leite**. Editora Appris, 2019.

CABRAL, Geovanni Gomes. Assim foi meu passado: escrita autobiográfica, histórias e memórias do poeta José Costa Leite. **Revista Maracanan**, n. 22, p. 212-227, 2019.

CABRAL, Geovanni Gomes. Cartografia dos folhetos e suas ilustrações: histórias na encruzilhada do

tempo. **Jangada**, ano 10, n. 20, p. 79-95, jul. 2022/abr. 2023.

CARVALHO, Ana Maria de. Do Nordeste ao Pará: o processo de criação e recriação do cordel como meio de troca cultural. **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 2, n. 3, p. 51-72, 2009.

COCOTLE, Brenda Caro. Nós prometemos descolocar o museu: uma revisão crítica da política museal contemporânea. **MASP Afterall**. Disponível em: <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-X87a1s0ahKuQghS3VJ4D.pdf>, 2019.

CORRÊA, Jean Pereira; SOUSA, Letícia Lima de; GOMES, Nilzete Ferreira. A literatura de cordel na região norte e a importância da divulgação desta poesia popular. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. esp. CBBDD, p. 272-280, 2017.

CONDURU, Roberto. Por uma translucidez crítica: pensando a curadoria de exposições de arte. *In*: JULIÃO, Leticia; BITTENCOURT, Jose Neves (org.) Caderno de Diretrizes Museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições ação educativa. Belo Horizonte: Superintendência de Museus, 2008. p.72-79.

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

DE MOURA POSSAS, Hiran; DOS SANTOS, Adriana de Araújo; DA SILVA SOUSA,

Larissa. “Recifrando” acordes: Marabá das bordas. **Boitató**, v. 11, n. 21, p. 182-199, 2016.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Cantadores das viagens. A literatura de cordel e a experiência da migração nordestina para a Amazônia. *In*: VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. As Ciências Sociais nos Espaços de Língua Portuguesa, balanços e desafios. Porto: Lisboa. **Actas**, vl. 2002. p. 219-232.

PEREIRA, Gabriela Gomes. O cordel como interpretação da Amazônia: ideias, imaginário e pensamento social. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM SOCIEDADE E CULTURA NA PAN-AMAZÔNIA, 3, 2018, Manaus. **Anais** [...]. Manaus: UFAM, 2018.

SANTIAGO, Idelma. **Migração e cultura no Sudeste do Pará**: Marabá (1968-1988). Trabalho de dissertação. Goiânia, 2006.

SARAIVA, Arnaldo. Da cantoria à literatura de cordel: cantigas ao desafio, pelepas, debates entre poetas em Portugal e no Brasil. **Jangada**, ano 10, n. 20, p. 272-281, jul. 2022/abr. 2023.

SCHALL, Virgínia T. Educação nos museus e centros de ciência: a dimensão das experiências significativas. *In*: **WORKSHOP** Educação em museus e centros de ciência. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003. p.13-24.